378

OS PORTUGUESES NAS LITERATURAS INDIANAS DOS SÉCULOS XV, XVII e XVIII

PANDURONGA S. S. PISSURLENCAR

Director do Arquivo Histórico do Estado da Índia

O contacto dos Portugueses deixou consideráveis vestígios em várias manifestações culturais do povo indiano, nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Mgr. Sebastião Rodolfo Dalgado [1] coligiu uma grande cópia de vocábulos de origem portuguesa existentes nas principais línguas indianas. Mas há muitos outros que lhe escaparam e se encontram disseminados em documentos dos séculos XVII e XVIII. O primeiro livro impresso em caracteres Tamul foi devido a um português — Padre João de Faria — que, no dizer do autor do *Oriente Conquistado* [2], foi «o primeiro que abrio, & fundio os caracteres da lingua tamul na costa de Pescaria». Este livro, chamado «Doctrina Christam em Lingua Malavar Tamul», foi dado à estampa em 1578 em Coulão. Como bem diz o Padre Schurhammer [3], o primeiro livro impresso da língua tamul em caracteres romanos, é a «Cartilha que contẽ breuemẽte ho q̃ todo

---

(1) Mgr. Sebastião Rodolfo Dalgado, *Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas*, Coimbra, 1913. *Portuguese Vocables in Asiatic Languages*, Translated by Anthony Xavier Soares, Baroda, 1936. David Lopes, *A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, Barcelos, 1936.

Escreve o Prof. Dr. C. R. Boxer:

«The Portuguese left traes of their language in all of the countries which they visited in the service of God or of Mammon. Protestant potentates such as Queen Elizabeth of England and Prince Maurice of Nassau corresponded in Portuguese with Asian Princes at the turn of the sixteenth century. This in itself is perhaps not so very remarcable, as the Portuguese were the only Europeans with a fixed base in the East at the time; but it is noteworthy that Alexandre Hamilton, writing in 1727, and Captain Macdonald, I. N., writing in 1800, bear witness to the extent to which the Portuguese language was spoken throughout Asia down to the end of the eighteenth century.» (*The Portuguese in the East*, 1500-1800, pp. 238-239).

(2) Padre Francisco de Souza. O *Oriente Conquistado a Jesus Cristo pelos padres da Companhia de Jesus da Provincia de Goa*, Lisboa, 1710, Vol. II, pp. 256-257.

(3) Georg Shurhammer e G. W. Cottrell, *The First Printing in Indian Characters*. Separata do *Harvard Library Bulletin*, vol. IV, N.º 2, 1952.

GOA UNIVERSITY LIBRARY
This book is donated by ...

christão deue aprẽder... ẽ Tamul & Portugues», publicada em Lisboa em 1554. O primeiro livro impresso da língua Bengali — *Crepar Xastrer Orth Bhede* — também se deve a um português, de nome Padre Manuel de Assumpção, natural de Évora ([4]). Foi um português que escreveu, aproximadamente em 1599, o primeiro livro em prosa da literatura bengali ([5]). Foram os missionários portugueses — escreve o Prof. Benoy Kumar Sarkar na sua obra *Creative India* — que no interesse da propaganda religiosa não só aprenderam mas ainda promoveram o estudo das línguas vivas da Índia ([6]). Uma das primeiras gramáticas impressas da língua marata foi escrita também em português ([7]). A primeira tipografia da Índia foi estabelecida em Goa, em 1556. O primeiro livro científico sobre as plantas medicinais da Índia, da autoria dum europeu (Garcia de Orta), foi dado à luz em Goa em 1563. Igualmente a primeira gramática de concanim foi escrita em português. É grato lembrar que as primeiras tentativas feitas para trasladar as principais obras religiosas dos hindus para a língua portuguesa remontam ao terceiro quartel do século XVI ([8]), precedendo de mais de dois séculos a tradução do Bhagavad-Guitá, de Wilkins, publicada em 1785, que, como é sabido, foi o primeiro livro sagrado dos hindus traduzido para a língua de um dos povos da Europa.

Muitas plantas úteis foram introduzidas na Índia pelos Portugueses. As melhores mangas de enxerto, na Índia, têm denominações portuguesas ([9]). Os Portugueses não só descobriram o caminho marítimo da Índia, mas ainda, já no século XVI, haviam explorado as costas orientais e ocidentais deste sub-continente, de que dão testemunho os roteiros dessa época. Por mais de um século os Portugueses dominaram os mares da Índia, e durante esse tempo nenhum barco estrangeiro podia navegar nesses mares, sem estar munido do *cartaz* ou salvo-conduto passado pelo nosso governo. O Mogol, o Adil Shah, o Kutub Shah, o Samorim, Shivaji, os sultões de Guzerate, os Naiques de Keladi pediam às autoridades portuguesas esses cartazes para segura e pacìficamente poderem os seus navios navegar nos mesmos mares. Duarte Pacheco, Afonso de Albuquerque, D. João de Castro mostraram a superioridade dos métodos de guerra ocidentais sobre os usados pelos seus contemporâneos na Índia. Numerosos espingardeiros e bombardeiros portugueses, como Sancho Pires e Cristóvão de Figueiredo, distinguiram-se nos exércitos dos reis indianos. O célebre baluarte de Bijapur, denominado *Firangui Buruj*, cuja construção foi devida a um oficial português ao serviço de Ali Adil Shah (1576), é ainda hoje objecto de admiração dos viajantes ([10]). O historiador muçulmano Kwaja Nizam-Ud-Din Ahmad diz que no castelo de Surrate, construído em 1540-41, foram realizadas algumas obras de fortificação, especialmente pelo sistema português ([11]). Foram os templos católicos erigidos na Índia pelos Portugueses a primeira amostra da arquitectura europeia na Índia. Os primeiros navios da armada do rei dos Maratas Shivaji deveram a sua construção a um Rui Leitão Viegas ([12]). Na opinião do Prof. Dr. Surendra Nath Sen, Shivaji copiou os métodos portugueses na organização do seu departamento de artilharia ([13]). Dezenas de médicos portugueses ([14]), como Garcia de Orta, Fernão Lopes, Manuel Francisco Gonçalves (o *Dr. Sulu* das cartas maratas), Pedro da Silva e missionários e diplomatas portugueses, como P.^e^ Manuel Pinheiro, Bento de Góis, Frei Leandro de Madre de Deus, Padre Gonçalo Martins, mereceram a amizade de vários potentados indianos, tanto hindus como muçulmanos ([15]).

Na opinião do arqueólogo inglês A. H. Longhurst ([16]), autor da livro intitulado *Hampi Ruins*, os hindus da Índia meridional devem aos Portugueses o uso da argamassa

---

([4]) Dr. S. N. Sen, *The Portuguese in Bengal*, apud *The History of Bengal*, vol. II, edited by Sir Jadunath Sarkar, Dacca, 1948, pág. 369.

([5]) Idem.

([6]) Cfr. «The study of modern Indian Languages by Europeans is at least as old as the sixteenth century and is older than their study of Sanskrit, It is the Portuguese missionaries — the Catholic Fathers — who in the interest of propaganda not only learnt but also promoted the living languages of India» (S. K. Chatterjee, *European Researches in Modern Indian languages*, cit. por Beney Kumar Sarkar,*Creative India*, Lahore, 1937).

([7]) É a *Grammatica Marastta a mais vulgar que se pratica nos Reinos de Nizamaxá, e Idalxá*. Roma, 1778. Lisboa, 1805.

([8]) O P.^e^ Joseph Wicki S. J. vai dar a lume, em Roma, essas traduções.

([9]) Vide Mgr. Dalgado, cit, *Influência*.

([10]) Vide J. D. B. Gribble, *A History of the Deccan*, Vol. I, pg. 389, London, 1896.

([11]) M. S. Comissariat, *History of Gujrat*, Vol. I, pág. 425:

«On every bastion of the castle they have constructed a *chaukhandi* which in the opinion of the Europeans is a speciality of the Portuguese» (*Tabaqat-i-Akbari*, p. 297).

([12]) Sir Jadunath Sarkar, *Shivaji*, Calcutta, 1952, p. 259, e Documentos portugueses existentes no Arquivo Histórico, de Goa, e no Arquivo Histórico Ultramarino, de Lisboa.

([13]) Escreve o Prof. Dr. S. N. Sen:

«Shivaji had a regular artillery department called the *Tophkhana* and among his state departments is mencioned *Darukhana*, the exact persian synonym of the Portuguese *Casa de Polvora*. This was quite in the fitness of things, for in the Deccan the Portuguese had at one time figured as the greatest masters of the new art, and Shivaji might have been consciously copying their methods. The real or pseudo-Portuguese in his service were not improbably employed in this department.» (*Military System of the Marathas*, p. 111).

«Captain Anselm of the Derby saw a Portuguese and Dutch gunner in the employment of Sambhaji Angria». (Idem, pág. 129).

([14]) Vide P. Pissurlencar, *Contribution à l'Étude de l'Histoire de la Médicine Portugaise dans l'Inde*.

([15]) Cfr. «In 1579 the Jesuits were summoned by the Mughal Emperor Akbar to his court, where they founded a hospital. They were again and again called by Akbar in the years 1591 and 1595 and protected by him and by his son and successor Jahangir. The sultan of Bijapur Muhamad Adil Shah also called then to his Court.» (Raye, *The Astronomical Observatoires of Jai Singh*, pp. 5-7, Calcutta, 1919). Vide também P. Pissurlencar, *Assentos do Conselho do Estado*, Vol. III, pp. 325 e 326; Maclagan, *Os Jesuitas e o Grão Mogol;* Padre Francisco de Sousa, cit. *O Oriente Conquistado*, *conq.* I, *div.* I, § 5.

([16]) A. H. Longhurst, *Hampi Ruins*, Delhi, 1933, pp. 16-17.

de cal nas construções dos edifícios de pedra. Foi notável a influência portuguesa nos costumes dos povos das regiões indianas onde dominaram os Portugueses. Estabeleceram-se os Portugueses em Diu, Damão, Tarapor, Maim, Manorá, Baçaim, Chaúl, Goa, Onor, Barcelor, Mangalor, Cananor, Cranganor, Cochim, Coulão, Meliapor, Hugli, Pipli, Hijli e muitas outras terras da Índia. Admira-se em Vijayanagar uma escultura do século XVI representando, na plataforma do trono, a cena da embaixada do Fr. Luís, enviada por Afonso de Albuquerque ao rei Crisna Deva Raya ([17]). Não faltam valiosos quadros de pintura e tapeçarias dos artistas indianos com motivos portugueses ([18]).

Mas, que reflexos deixou, nos séculos XVI, XVII e XVIII nas literaturas indianas, esse povo que desempenhou tão grande papel no Oriente? É o tema que vamos estudar na presente palestra.

Geralmente se julga que os Portugueses passaram despercebidos aos escritores indianos dessa época. Os Portugueses — escreve o erudito historiador inglês, Prof. Dr. C. R. Boxer, — dificilmente figuram na literatura indiana, excepto no folclore marata do século XVIII ([19]).

A verdade, porém, é que não é insignificante a bibliografia sobre o presente assunto.

Comecemos pela língua sânscrita.

POEMAS SÂNSCRITOS

Há nessa língua, pelo menos seis poemas notáveis com menção dos Portugueses. Alguns deles foram composto pelos poetas hindus da corte de Tanjore, no século XVII.

O primeiro denomina-se *Sahityaratnakara*. É seu autor Yagnanarayana Dikshit Este poema conta a vida e conquistas do famoso monarca de Tanjore, chamado

([17]) P. Pissurlencar, *Colaboradores Hindus de Afonso de Albuquerque.*

([18]) C. R. Boxer, op. cit,, pp. 208-209. Maclagan, *Os Jesuitas e o Grão Mogol*, tradução portuguesa, Porto, 1946, cap. XV. H. Goetz, *Some European Influences on Indian Art in the 17th and 18th century*, in*The New Review*, Feb. 1939. Luis Keil, *Alguns Exemplos da Influência Portuguesa em obras de arte indianas do século XVI*, in *Portugueses no Oriente*, Lisboa, 1938. Luís Keil, *As Tapeçarias de D. João de Castro*, Lisboa, 1928. Maria José de Mendonça, *Alguns Tipos de Colchas Indo-Portuguesas na Colecção do Museu de Arte Antiga*, Lisboa, 1951. Aquilino Ribeiro, *Constantino de Bragança*, pág. 56. Prof. Dr. Reynaldo dos Santos, *A India Portuguesa e as Artes Decorativas*, Lisboa, 1954. Prof. Dr. Mário Tavares Chicó, *A Escultura Decorativa e a Talha Dourada nas Igrejas da India Portuguesa*, Lisboa, 1954. *Portugal na India, na China e no Japão — Relações artisticas* (Catálogo da 15.ª Exposição realizada, em 1954, no Museu Nacional de Arte Antiga). *Portuguese Monuments in Asia* — An Exhibition of photographs, London, 1954.

([19]) C. R. Boxer, cit., *The Portuguese in the East*, p. 240. Vide Prof. Dr. David Lopes, *Historia dos Portugueses no Malabar por Zinadin*. Lisboa, 1898, p. XC.

Raghunatha Naik. Yagnanarayana era filho de Govinda Dikshit, ministro do mesmo Raghunatha e, por isso, o poema tem valor como fonte histórica.

No canto (sarga) X, Govinda Dikshit descreve a agressão dos *parassikas*, isto é, dos Portugueses contra o rei de Nepala (Jafanapatão).

No canto (sarga) XIII um espia do monarca Raghunatha dá descrição dos capitães *parassikas* ou portugueses que serviam no exército do inimigo Pandya e seus confederados. Fala das armas de fogo usadas pelos Portugueses. Conta que esses capitães portugueses, cobertos de armaduras, trazem longas espadas; as suas orelhas não são furadas; eles não mastigam o betle e as suas bocas cheiram a vinho.

Narra o poema que quando o rei voltou à capital ouviu, no seu palácio de Tanjore, gritos das rainhas de Nepala que tinham sido expulsas do seu reino pelos inimigos *parassikas* ou portugueses. O rei Atchuta, ouvindo esses gritos, exclamou, irritado, que ele uma vez já pusera fora de Negapatão os parassikas! Os Portugueses são designados, neste poema com o nome de *Parassikas*. O Prof. Krisnaswami Aiyangar identifica o rei de Nepala com o de Jafanapatão.

Os documentos portugueses aludem à destruição da nossa povoação de Negapatão nessa época por um rei de Tanjore, mas não dizem o nome do monarca que a destruiu. O referido poema esclarece este ponto.

Um outro poema sânscrito que alude aos Portugueses intitula-se *Raghunathabhyudaya*, da autoria da talentosa poetisa hindu Ramabhadramba ([20]). Foi este poema composto aproximadamente em 1625 da era cristã e publicado, em 1934, pela Universidade de Madrasta. Dizem que a famosa poetisa hindu compunha versos em oito línguas indianas.

Narra o poema que o monarca Raghunatha, depois de ganhar a vitória sobre o chefe Solaga (cerca de 1615), resolveu fazer uma expedição contra os Portugueses (Paranguis), na ilha de Nepala (Jafanapatão). Quando o exército aportou à ilha ofereceram-lhe resistência os Portugueses que usavam as *armas de fogo*. Descreve-se depois a batalha que houve entre os dois exércitos.

No canto VIII refere o poema as derrotas infligidas pelos antepassados do monarca Raghunatha aos Portugueses (Paranguis) (sarga VIII, 17 — pág. 48).

O terceiro poema sânscrito digno de especial menção é o que foi escrito pelo poeta laureado da corte de Shivaji, chamado Paramananda. Foi composto aproximadamente em 1674 e intitula-se *Anupurana*. É conhecido vulgarmente pelo nome de *Shivabharata*.

Diz no seu capítulo (adhyaya) XXX que Shivaji recebeu o tributo dos Portugueses e outros povos europeus que, no dizer do poeta, são «extraordinàriamente valentes no manejo das armas de fogo».

Num outro poema sânscrito, intitulado *Parnala-Parvata-grahan-akhyanam*, da

([20]) *Raghunathabhyudaya of Ramabhadramba*. Edited by T. R. Chintamani, Madras, 1934.

autoria de Jairama Pinde, escrito aproximadamente em 1673, também se diz que os Portugueses, para a sua defesa, se ofereciam a Shivaji.

Somanatha Kavi, contemporâneo de Vyassaraya (1446-1539), refere-se no seu poema sânscrito, intitulado *Vyassayoguicharita*, aos presentes que os embaixadores portugueses levavam ao mesmo *guru* de Sri Krisnadevaraya, rei de Vijayanagara. Conta que aproximadamente em 1520 da era cristã, Vyassaraya usava para a leitura os óculos, designados pelo poeta Somanatha com o nome de «upalochana golaka». É a mais antiga alusão aos óculos que se encontra na literatura sânscrita, pois o seu uso era desconhecido na Índia antes do contacto dos Indianos com os Portugueses ([21]). Supõe-se que os óculos de que Vyassaraya fazia uso, foram-lhe oferecidos pelos Portugueses.

Shivatattyaratnakara é um outro poema sânscrito com alusão aos Portugueses. É seu autor Keladi Bassava. Este poema descreve as conquistas do rei de Keladi, Bhadrabhupala e seus sucessores. Foi escrito em 1709-1710 da era cristã. Conta-se no canto V, Taranga VIII deste poema, que o mesmo rei Bhadrabhupala enviou um exército, sob o comando de Vitthalaraja, contra os *Paranguis* (Portugueses) de Goa. Lê-se ainda neste poema que os generais de Bhadrabhupala derrotaram os Portugueses e trouxeram preso o próprio governador de Goa!

Escusado é dizer que não tem fundamento essa narrativa que é de pura invenção, pois o seu objectivo era apenas ressaltar a valentia dos seus heróis pondo-os em confronto com os aguerridos Portugueses, cuja fama corria nesses tempos em todo o Oriente.

Merece lembrar a propósito o que escreveu há anos um insuspeito investigador da história dos Maratas, Rajwade. Diz o mesmo investigador, na introdução marata da obra *Radha-Madhava Vilassa Champu* (p. 117) «Também os mogóis de Delhi ficaram espantados perante os Portugueses que eram dextros no uso de armas (de fogo). Assim como a árvore de *parjata* (árvore triste), só com um empurrão dado, deixa cair as suas flores, assim caíram sùbitamente nas mãos dos europeus, devido ao ímpeto das armas portuguesas, os portos das costas de Guzerate, Concão e Bengala. E correu a fama, por toda a Índia, de que havia na superfície da Terra um povo, conhecido como *Firanguis* (Portugueses), capaz de dar cheque, no mar, ao orgulho do Mogol. Com isto veio a sofrer o prestígio do Mogol e formou-se a opinião pública, na Índia, de que se o Mogol é o espantalho uma vez, sete vezes o é o *Firangui* (Português); e daí considerou-se uma tarefa colossal infligir derrota aos Portugueses. Eis a razão por que os indianos atribuem aos heróis dos seus poemas vitórias sobre os Portugueses.

POEMAS CANARESES

O facto é que, numa época anterior à da composição do referido poema *Sivatattva-ratnakara*, isto é, em fins de 1558, o rei de Vijayanagar, Ramaraya, mandara

([21]) Vide B. Venkoba Rao, *Vyasayogui charita*, Bangalore, 1926. P. K. Gode, *History of Spectacles in India*, 1947.

uma expedição contra os Portugueses de S. Tomé de Meliapor, e arrecadara deles o tributo de cem mil pagodes. Supõe o Prof. Dr. N. Venkataramanaya ([22]), da Universidade de Madrasta, que esse monarca teria também despachado tropas, nessa época, contra Goa; mas não há documento algum que corrobore a opinião do ilustre professor.

Diz-se no poema canarês *Ramarajiamu* que Ramaraja causou terror à cidade de Pai-Goa ou *Pain-Goa* que o mesmo professor pretende identificar com a nossa Pangim. A verdade é que Pangim era uma povoação insignificante no século XVI e por isso não há fundamento para a mesma ser *Pain-Goa* do poema *Ramarajiyamu*. Além disso, se tivesse havido qualquer expedição contra Goa, por parte do mesmo imperador de Vijayanagar, certamente ela não teria passado despercebida aos cronistas portugueses.

Um outro poema canarês, denominado *Keladinrpa Vijaya*, composto aproximadamente em 1770 por Linganna Kavi, narra também como o imperador de Vijayanagar enviou contra os Portugueses o seu primo Vitthalaraya, acompanhado do rei de Keladi Sankanna Nayaka, os quais capturaram a cidade de Goa (canto III, 8-10). Os Portugueses são descritos como pessoas das «orelhas não furadas» (*avidhakarnar*). Como demonstramos, as vitórias contra os Portugueses referidas neste poema são todas imaginárias.

POEMAS E NARRATIVAS EM MALAIALAM

Na língua malayalam existe um poema histórico de considerável importância, intitulado *Patappattu* ou *Canto Bélico*. Descreve como os Portugueses, na luta com os Holandeses, perderam as suas fortalezas de Paliporto, Cochim, Cranganor e outras do Malabar. Eis um trecho deste poema descrevendo a luta que os Portugueses, sob o comando do Capitão Urbano Fialho Ferreira,, sustentaram em defesa da fortaleza de Cranganor, contra o assalto dos Holandeses, em Janeiro de 1662:

«Kotta maranjittum väta maranjittum
Kôtäteyulla mattilkal maranjittum
Toonnu maranjittum vättil maranjittum
Tännu kuzhiyeennolitchittu nokkiyum
Vanna ripukkale nannäyi veti vetchu
Vennu chattichu vadhitchän Parankiyum»

o que vem a ser:

«Pondo-se os Portugueses (*Parankis*) nos abrigos do forte, nos seus muros, pilares e portas, nos esconderijos das covas, matavam a tiro os inimigos que se avançavam».

([22]) Venkataramanaya, *Further Sources of Vijayanagar Empire*.

O autor viveu na segunda metade do século XVII e evidentemente foi testemunha de vários episódios tão minuciosamente narrados por ele neste poema.

O *Palappattu* pode ser comparado aos poemas singaleses *Parangui Hatane* e *Kustuntinu Hatane.*

Interessantes notcias relativas à história dos Portugueses no Malabar fornece-nos também uma outra narrativa em Malayalam denominada *Kerala Palama*, escrita no século XVII.

Dá curiosas informações sobre as guerras que os Portugueses tiveram com o Samorim, a favor de Unni Rama Varma, coroado rei de Cochim por D. Francisco de Almeida. Refere como Duarte Pacheco destruiu a armada do Samorim, composta de oitenta navios, do comando do general Mayimani Marakkar que foi morto na luta, com seus dois filhos. Insere também o texto da provisão passada a Duarte Pacheco e seus descendentes pelo aludido rei de Cochim, concedendo-lhe o brasão e insígnias de fidalgo da sua corte, em reconhecimento da famosa vitória alcançada pelo Heroi Lusitano contra o exército do Samorim. É a provisão que em versão portuguesa de Álvaro Vás, escrivão da feitoria de Cochim, vem transcrita na *Crónica delRei D. Manuel*, por Damião de Góis (Vol. III, cap. C). O título correcto do rei de Cochim, mencionado na aludida provisão é «Unni Kama Koil Thirumulpada» que em versão portuguesa está algum tanto modificado!

Um insigne poeta da língua Malayalam, que segundo alguns investigadores floresceu no século XVI, foi Punam Namputiri. É autor do poema *Ramayana-champu*, em que refere como o povo de Ayodyhá apareceu para as festas da coroação de Rama usando *chapéus portuguees*. É que nessa época os chapéus portugueses deviam ter sido muito apreciados no Malabar.

Também na crónica malayalam, intitulada *Keralapatti*, por Tunjattu Ramanujan Eluttacchan, escrita na segunda metade do século XVII, os Portugueses são designados com o nome de «homens de chapéus». Esta crónica é uma fonte de importância para a história dos Portugueses no Malabar.

Entre as fontes históricas em Malayalam, merecem também menção especial os *Granthavari* ou registo de acontecimentos notáveis que, desde tempos antigos, costumavam guardar no Malabar em templos hindus e nas famílias reais de Calicut, Cochim, etc.

O nosso erudito amigo Prof. Dr. C. R. Boxer possuiu o original, em malaialam, duma carta inédita do rei de Cochim Gode Varma — o *Codorma* de documentos portugueses. Essa carta perdeu-se. Pode conjecturar-se que se trata duma carta cuja tradução ou, melhor, uma via em língua portuguesa, se guarda no Arquivo Histórico de Goa e que reza assim:

«Grande foi a alegria q̃ Reçeby quando soube ter V. S.ª chegado do Reyno com saude a essa Cidade e ter tomado pose do Estado da India e o p.ᶜᵒ q̃ a V. S.ª peço me escreva em particular he nouas de meo Ir.e Senhor Rey de Portugal q̃ se fica com saude sera pª mim particular alegria no meo dos trabalhos q̃ padeço. Ja V. Sª sabera o muito que Eu trabalhey pellos Portugueses e por meo Ir. e senhor Rey de Portugal e pela sua cidade de Cochim pª q̃ a não perdesse. Quantas vezes pus minha vida a perigo de morte E em quantas occasiones me achey em q̃ não fasia ja conta della. E se a perdera fora pª mim aliuio asim como a perderão antigm.ᵗᵉ na fundação da dita cidade de Cochim tres tios meos e como o Anno passado a perderão outros tres meos tios, o sentim.ᵗᵒ de Cuia morte athe a morte me durada. Mas não foi Ds seruido q̃ Eu morresse porque tinha ainda m.ᵗᵒ q̃ padecer. Muito trabalharão os olandezes pª q̃ Eu ficasse seo Amigo depos da perda da dita Cidade q̃ Eu tanto tenho sentido. Mas foy couza imposivel pª comigo E antes escolhy sair fora do meo Reyno e andar por Reynos estranhos desterrado, como athe o p.ˢᵉⁿᵗᵉ ando do q̃ ficar seo (dos Holandeses) Amigo. A Resposta q̃ lhe mandey foy q̃ enquanto ouuesse Rey em Portugal meo Ir. E enquanto ouuesse Portugueses vasalos seos neste mundo (eles holandeses) não tratassem de minha Amisade...»

POEMA TAMIL

A Universidade de Madrasta trouxe à luz, em 1951, um poema histórico em Tamil, denominado *Ramappaiyan Ammanai*. Supõe-se que o seu autor viveu aproximadamente na época do Naique de Madurá, Tirumalai (1623-1649 [23]).

O general de Tirumalai Naique cujos feitos são descritos neste poema chamava-se Ramappaiyan que prometeu dar aos Portugueses (*Paranguis*) a Ilha de Ramesvaram, em troca do auxílio naval, na guerra contra Sodaikka Teva II, por outro nome Dalavay Setupati (1637).

Descreve o poema as batalhas que os Portugueses tiveram com os Maravas.

Os feitos narrados no poema *Ramappaiyan Ammanai* são elucidados pela documentação portuguesa da época (Vide F. C. Danvers, *Report on the Portuguese Records Relating to the East Indies*, pp. 43-44).

POEMAS BENGALIS

Também na língua Bengali, não faltam poemas com menção dos Portugueses. O célebre poeta Kavikankan Mucundaram Chakravarti escreveu «*Chandimangal*», na segunda metade do século XVI, em que alude às «*armadas*», isto é, aos Portugueses que ao tempo viviam no porto de Chatigão, sob a protecção do rei de Arracão. O nome desses portugueses ao serviço do rei de Arracão causava terror, nessa época, à população de Bengala. Diz o poeta:

«Ratrite bahia jai harmader dare»

(Eles (*barqueiros*) navegavam noute e dia, com receio dos portugueses). Pela palavra «harmad» quer o poeta referir-se aos Portugueses.

([23]) *Ramappaiyan Ammanai*. Edited by C. Vaiyapuri Pillai, Madras, 1951.

Um outro poeta bengali, chamado Syed Alaol, autor do poema *«Padmavati»*, escrito no século XVII, descreve o combate que seu pai teve com os Portugueses, em que perdeu a vida. Os Portugueses são designados também neste poema com o nome de «harmad». Narra o poeta Alaol:

«Rajeswar Majlis Kutub mahasaya
Ami khudramati tan amatya tanaya
Karya hetu pantha karme achaye karma lekha
Dusta *Hamad* sange hai galo dekha
Bahu yudha kari saheed hailo tate
Ranakhetra suvo yoge ailam prate

Há também baladas compiladas na Bengala Oriental com referência aos Portugueses. Uma dessas baladas, muito popular na literatura Bengali, é a que tem por título «Nasurmalum».

POEMAS GUZERATES

Não encontramos qualquer poema em língua guzerate com menção dos Portugueses. Informa-nos, porém, o Prof. Dr. Satis C. Misra, da Universidade de Barodá, que no folclore da costa de Gujarate, nomeadamente em Surrate, Baroche, Damão e Diu se encontram numerosas lendas e cantigas populares referentes aos Portugueses. É um estudo a fazer.

POEMAS HINDIS

Na literatura Hindi ocupa lugar primacial o poeta Bhushanna que floresceu no século XVII.

Diz este poeta, num passo do seu poema *«Shri Shivaraja-Bhushana»*, que as damas da corte do imperador mogol, à hora de dormir, aconselhavam o seu senhor a não ganhar a inimizade de Shivaji, rei dos Maratas, por ser este tão poderoso que lhe paga tributo o próprio *«Portugal»* (261).

«Sayana mãi shana ko sundari siravavãi aissê
saraja sõ vaira jani karo mahabali hai;
Pessakassê bhejata Bilay ti *Portugal* sunikai sahami
Jat karnatt thali hai, etc.

O referido poeta escreveu também um poemeto de cinquenta e duas estâncias denominado *Shivabavani*, em louvor de Shivaji. Neste poemeto há referências aos Portugueses.

O poeta Guiridhari, no seu poemeto «Bhojansar», composto em 1739, fala do aparecimento dos comerciantes portugueses (Firangui) na cidade de Jaipur.

POEMA URDU

Muhammad Nusrat ou Nusrati escreveu um poema, em urdu, sobre a vida de Ali Adil Shah II, sultão de Bijapur. O poema intitula-se *Alinamá*, ou *Fatahnamá*.

Diz Nusrati que o Adil Shah, quando atacou a fortaleza de Panhala, onde esteve recolhido o marata Shivaji, os Portugueses (Firanguis) lançaram bombas na mesma fortaleza.

O *Alinamá* foi escrito no ano de 1076 da era Hegira (1666 de C.). O seu autor viveu em Belgão e foi contemporâneo do heroi do poema.

POEMAS CONCANIS

Em concanim existe também uma importante literatura, devida aos missionários, com referências aos Portugueses. Mencionaremos, por exemplo, o poema intitulado «Santu Antonichi Jivitva Kathá», escrito por Fr. António de Saldanha (1598-1663).

POEMAS MARATAS

A literatura marata conta, entre os seus principais poetas do século XVII, Cuctexvar e Ramadás.

O primeiro escreveu, além de numerosas obras, alguns volumosos poemas sobre o tema do Mahabharata. Num desses poemas intitulado *«Adi-Parva»* (Cap. XVI, 9), Muctexvar chama cruéis aos Portugueses ([24]). Num outro passo do mesmo *Adi-Parva* (cap. XXXI, 59) descreve a «estratégia dos Firanguis (Portugueses) na luta marítima» (Cfr. «Naukanayanim yantramarém, pota bhanguiti pannibharém, vataveguim pallavém tvarém *Firangui yuddha* yá návém»).

No poema *Sabhá-Parva* (cap. VII, 127), Muctexvar refere-se anacrònicamente ao castigo dado aos Firanguis (Portugueses) que se opunham aos heróis de Mahabharata, chamados Pandavas (*«Firangui... vighnakartê danddilê»*).

([24]) No original marata lê-se *«Firangui crura»*. Cfr. David Lopes, *História dos Portugueses no Malabar por Zinadin*, Lisboa, 1898, pp. 44-47. António de Noronha, *Os Hindus de Goa e a República Portuguesa*. Muctexvar era um sacerdote (brâmane) hindu e como tal devia ficar horrorizado com o êxodo da grande parte dos seus correligionários, motivado pelas «leis a favor da cristandade», postas em execução tanto em Goa como em Baçaim.

O Prof. Doutor A. G. Pawar deu notícia, em 1941, dum poemeto histórico do século XVII, da autoria de Anandarai ou Harsharai, em que se conta que na guerra do Mogol contra o rei dos Maratas, Rajarama, em Gingi, alguns bombardeiros do exército muçulmano eram firanguis (portugueses).

Narra o poeta que com as bombas lançadas pelos Portugueses, o povo julgou que lhe chegara o termo da vida!

Merece menção especial mais um poema marata de considerável importância para a história de Goa. Intitula-se este poema *Konkanna Akyana*. Foi escrito em 1721, por um brâmane chamado Raghunatha. É este poema um repositório das lendas tradicionais, correntes, na época, entre os brâmanes de Goa. Lê-se no poema que um Madd Poi, gãocar-mór de Vernã, convidou os portugueses de Cochim para tomar Goa a Issuf Adil Khan. É curioso o passo do poema que fala deste assunto. Não resistiremos à tentação de transcrevê-lo, em versão portuguesa:

«Naquele tempo era senhor de Vernã de Salcete o Sardessai Mhadd Pai que uma vez destroçara os Naiteás não conseguindo, contudo, expulsá-los do país. E ele chamou em seu auxílio os *topicares* (homens de chapéus) de Cochim, que passando a Goa ficaram aqui como comerciantes.

Os Portugueses escreveram cartas (para Portugal) descrevendo a admirável situação de Goa, formada de ilhas e aldeias banhadas de água.

E então trouxeram de Portugal reforços em navios, tropas e armamentos.

Os *Naiteás* foram expulsos e na capital se estabeleceu o domínio português».

CRÓNICAS MARATAS

Os Portugueses tiveram relações políticas e diplomáticas com os Maratas desde o tempo de Shivaji. É de grande importância o material existente em língua Marata, referente à história dos Portugueses no Maharashtra.

É constituído este material de crónicas (*bakhars*), cronologias (*shakawalis*), notícias (*kaifiats*), baladas (*povaddás*), provisões (*sanadas*) e cartas (*pâtrém*).

Entre as crónicas é digna de especial menção a de Sabhasad, escrita em 1697. Esta crónica chama a Goa «Firangamna», isto é, Estado Português.

Em Novembro de 1683, o Vice-Rei Conde de Alvor atacou a fortaleza de Pondá, pertencente ao Marata. Julgou o Vice-Rei que era difícil conquistá-la nessa ocasião e por isso retirou-se para Goa. Sabe-se, porém, dum documento marata passado pelo ministro Cavi Calaxa que a mesma fortaleza ficou tão danificada que esteve para cair em poder dos Portugueses.

Depreende-se dum outro documento Marata que Sambhaji formara o audaz projecto de se apoderar da Ilha de Goa, logo depois da derrota do Vice-Rei Conde de Alvor, em Santo Estêvam (25 Nov. 1683). Segundo uma tradição corrente na família de Khanddô Bal-lall, secretário de Sambhaji, os Maratas haviam de tomar

Goa, nesse dia, se não tivessem sido prejudicados com a enchente do rio Mandovi. Diz, por isso, em Marata, um antigo biógrafo de Khanddô Bal-lall, na sua linguagem enfática: «Nesse mesmo dia Goa devia ser tomada, mas a sorte dos Portugueses foi salva por Neptuno» (*tê diuxim Govém ghyavayachém; parantu Firanguiachen daiva samudranim rakxilem)* (Vide *Aitihassica sphutta lekha*, Vol. II *Khanddô Bal-lall Chitnis Yanchi Trotaka Hakikat*).

O *Shakavali* de Zedhê, que dá a cronologia dos principais eventos ocorridos na história dos Maratas desde 1618 até 1697, preenche lacunas da documentação portuguesa relativa à guerra de Sambhaji (1683-1684). E, assim, por esta cronologia se sabe que «em 7 de Janeiro de 1684, Kavi Kalash, levando consigo o príncipe mogol Akbar, foi às matas de Bhimgadd e fez as pazes com os Firanguis» (Portugueses).

No *Adniápatra* ou *Rajaniti*, atribuído a Ramachandrapanta Amatya, encontram-se mencionadas as normas da política do Estado Marata com relação aos Portugueses e outros povos europeus.

Lê-se nesta obra «que os Firanguis (Portugueses), Ingleses, Holandeses, Farassis (Franceses), Dingamares (Dinamarqueses) e outros *topicares* (homens de chapéu) fazem comércio, mas não são como outros comerciantes. Os seus senhores são reis. Estes homens de chapéus trazem grandes desejos de entrar nas nossas terras, a fim de alargarem os seus territórios e estabelecerem a sua doutrina (religião). Esta raça de povos é obstinada. Eles nunca devolvem as terras que uma vez lhes tenham caído nas mãos».

Este livro foi escrito em 1716.

Na língua Marata, existe considerável literatura contemporânea acerca da conquista de Baçaim por Chimnaji Apá. Vários romancistas, dramaturgos e poetas maratas serviram-se deste tema para enaltecer os feitos dos seus contemporâneos ([25]), não se esquecendo, todavia, de prestar homenagem ao valor dos bravos portugueses que lutaram em condições desfavoráveis na defesa de Baçaim e outras fortalezas da Província do Norte. «*Firanguiam sarkhê zunzannar*» — «guerreiros como os Portugueses» são palavras que indicam o apreço dos Maratas pela bravura dos Portugueses.

Tratando-se das fontes relativas à campanha luso-marata de Baçaim, ressalta o *Saxtichi Bakhara* ou Crónica de Salcete, documento preciosíssimo para se conhecer o lado Marata, na referida guerra de 1737-1739.

O generalíssimo marata Chimnagi Apá faz um circunstanciado relato da tomada da fortaleza de Baçaim, numa carta escrita ao rei Shahu, datada de 12 de Maio de 1739. Chimnagi diz que na ocasião do cerco de Baçaim, os Portugueses obraram

---

([25]) Eis, por exemplo, o drama *Daryá-Daulat*, por D. G. Sarolkar, Bombaim, 1929. Apontaremos alguns romances: *Vassaichá veddá*, por AnussuYabai Deshpande, Bombaim, 1912; *Peshvaintil Dharmasangrama*, por Vithal Vaman Haddap, Punêm 1930; *Pavantirth*, por Moreshvar Vassudev Joshi, Bombaim, 1925; *Vassaichá Rannasangrama*, por Sitarama Keshav Damle, Bombaim.

prodígios de valor militar. (*«Firangui yanim xipaiguiri mhannavi taissi keli, jyachém não xipaiguiri»*).

Um dos notáveis comandantes do exército Marata na campanha de Baçaim, Shankaraji Keshav, escrevia ao generalíssimo Chimnagi Apá, em carta de 31 de Março de 1737 que «os Portugueses, mesmo que percam tudo quanto possuem, não são capazes de render e pedir pazes» (*Peshwa Daftar*, Vol. XXXIV, doc. 25) (*«Tyachém sarvasva guelém tari to xaranna yeúno tahavar yennar nahim»*).

Chimnagi Apá tinha, porém, outro conceito. Dizia que «os Portugueses não são endinheirados e por isso serão vencidos por falta de víveres e munições» (Rajwadê, *Marathyanchyá Itihassachim Sadhaném*, vol. VI, p. 229) (*«Firangui kahim paikekari navhe. Galyá dannyavinna sahazach ayassa yeil»*).

O Comandante Dadagi Rau Bhavê que quando escrevia a Chimnagi Apá chamava «almas de pecado» (*papatmê*) ([26]) aos Portugueses, dizia muitas vezes ao seu filho Bhascara Rau que «os Portugueses são boa gente, cumpridores da palavra dada, decididos, bons amigos e valorosos na luta». (*«Firangui lok sajjana, vachanachê kharê, kriyechê purê, snehachê barê, mardumissa dhurandhara»*).

Numa balada marata em que se fala das lutas navais, diz-se que a armada de Damagi Naique causava terror em Goa (Cfr. *Firanguiaxi dhaka Govianta*. Sahyadri, Maio de 1939).

Como é sabido, os territórios de Goa chamados *Novas Conquistas* foram adquiridos à custa do Bounsuló, Marata e Sunda.

Sobre as guerras que os Portugueses tiveram com esses e outros potentados do Maharashtra, encontra-se excelente material histórico nas colecções de documentos publicados por Rau Bahadur Govinda S. Sardessai e outros investigadores da Índia. Entre elas são dignas de especial menção:

Aitihassik Patra Vyavahar (docs. 32, 45, 55, 56, 194 e 208), *Pexvê Daftarantuna Nivaddalelê Kagada* (vols. 3, 10, 12, 16, 17, 22, 24, 30, 33, 34, 35, 39 e 40), *Marathyanchyà Itihassachim Sadhaném* (vols. III e XII), *Mahadji Shindê Hyanchim Kagadpatrém* (docs. 54, 55, 58 e 63), *Brahmendra-Charitra*, *Purandarê Daftar* (Vol. I, doc. 137), para não citar mais.

CRÓNICAS PERSAS

O investigador da história dos Portugueses na Índia não pode dispensar a consulta de várias crónicas escritas em Persa, que se refiram aos Portugueses.

([26]) Os escritores indianos referiam-se às vezes em termos depreciativos aos Portugueses, chamando-lhes *Racxassas* (demónios), *Daityas* (Titans), *Dharmadvestlê* (inimigos da religião). Vide *Proceedings of the Indian Historical Rec. Commission*, vol. XIV, p. 122; Carta de Chimanagi Apá publ. por nós na obra *Como se Perdeu Baçaim*, apêndice; Rajwade, *Marathyancheá Itihassachim Sadhanêm*, Vol. III, doc. 27, p. 21.

Os Portugueses tiveram relações políticas e diplomáticas com os sultanados do Decão, Mogol e outros potentados da Índia. As fontes portuguesas merecem, por isso, ser cotejadas com as da língua Persa da origem indiana, porque o Persa foi língua oficial ou diplomática de grande parte da Índia durante cerca de três séculos, como foi a língua francesa nos séculos XVIII e XIX na Europa.

Há nessa língua obras que podem ser denominadas *Namá*, ou crónicas oficiais dos imperadores, escritas por suas ordens.

Destas podem citar-se, como exemplos: o *Akbarnamá*; o *Jahanguirnamá* ou Autobiografia de Jahanguir; o *Padishahnamá*, ou Anais do reinado de Shah Jahan; o *Alamguirnamá* com *Masir-i-Alamguiri* que trata dos 51 anos do reinado de Aurangzib; e o *Bahadurshanamá* ou Anais do Bahadur Shah Alam I.

Alguns sultões de Bijapur e Golconda, à imitação das crónicas do Mogol, mandaram também escrever as crónicas dos seus reinados. E assim, temos o *Muhammadnamá* ou Anais do reinado de Muhammad Adil Shah, de Bijapur.

Os *Namás* são escritos à luz de documentos oficiais.

Uma outra espécie de fontes consiste em histórias não oficiais. São exemplos destas fontes a célebre *Muntakhab-ul-Lubab*, por Khafi Khan; e *Muntakhabu-I-Tawarikh*, por Abdul qadir Badauni.

Sobre a história das relações dos Portugueses com o imperador mogol Akbar, encontram-se importantes elementos de informação na crónica *Akbarnamá* de Abul Fazl, assassinado em 1602, e no referido livro de Al Badauni. Tratando-se do ano de 1575, este último cronista fala da influência religiosa dos Portugueses na corte mogol.

O *Akbarnamá* refere-se a um português de nome *Partab Bar Feringui* como um dos principais mercadores do porto de Bengala que, em 1579, esteve na corte mogol e ganhara simpatia do Akbar. O mesmo português é mencionado pelo nome de *Tab Barru* no *Darbar-i-Akbari*.

Supõe-se que este português é Pedro Tavares, de quem fala Diogo do Couto.

Jahanguirnamá dá notícia do primeiro conflito havido entre o Mogol e os Portugueses em 1613. «No mesmo mês — escreve Jahanguir — chegou a nova de que os *Firanguis* (Portugueses) de Goa tinham apresado quatro navios mercantis, que vinham de Surrate, e fizeram prisioneiros um grande número de Muçulmanos. Isto foi muito desagradável para mim. Despachei Mucarrab Khan, que está exercendo a chefia do porto, para obter a compensação dos prejuízos».

Diga-se de passagem que os documentos oficiais portugueses e bem assim António Bocarro (*Década XIII*, cap. 46, pág. 200), referindo-se a este acontecimento, dizem que foi apenas tomada uma nau de Meca e não quatro navios.

Num outro passo, Jahanguir fala da derrota, que, em Dezembro de 1614, os Ingleses infligiram, em Surrate, à armada portuguesa, descrita por Nicolas Dowton e Nicolas Withington. O imperador mogol mostra-se contente por essa derrota de «warza» ou Vice-Rei D. Jerónimo de Azevedo, no poço de Surrate.

As dissenções entre Jahanguir e os Portugueses tiveram fim com o tratado de paz, datado de 7 de Junho de 1615.

O *Padishah-namá*, ou a História do Reinado de Shah Jahan, contém três partes correspondentes a três décadas ou *daur*. As primeiras duas partes foram compiladas por Abdul Hamid Lahori, e a terceira por Muhammad Waris.

No reinado de Shah Jahan foi destruída pelo Mogol a povoação portuguesa de Hugli, em Bengala. Abdul Lahori, que faleceu em 1654, dá a descrição deste acontecimento e chama *Firangui-bandar* (porto português) ao estabelecimento português de Chatigão (Chitagong).

É curioso notar que Shihab-ud-Din Talish no seu livro *Tarikh-i-Asham* chama *Harmada* (armada) aos Portugueses de Chatigão.

Khafi Khan, no seu *Muntakhib-ul-Lubab*, escreveu em 1732, referindo-se aos Portugueses: «Eles edificaram povoações, e em tudo usaram de muita suavidade para com a população do país, nem a vexaram com impostos excessivos».

Para a história das relações dos Portugueses com Adil Shah (Idalcão dos nossos cronistas) merece consultar o *Tarikh-i-Firishta*, por Muhammad Qasin (c. 1570--1611), *Muhammad-namá*, por Zahur (c. 1641) e sobretudo *Basatin-us-Salatin*, por Mirza Ibrahim (1824).

Ferishta, persa de origem, viveu sob a protecção do sultão de Bijapur Ibrahim Adil Shah II, desde 1591. A sua obra é uma das principais fontes da história dos estados decanis. Pode ser consultada com vantagem pelos investigadores da história dos Portugueses na Índia. O Tenente-coronel Briggs publicou a sua tradução inglesa com o título «History of the Rise of the Mahomedan Power in India, till the year A. D. 1612».

O *Muhammad-Namá*, de Zahur bin Zahuri, foi escrito por ordem de Muhammad Adil Shah.

O *Basatin-us-Salatin* fornece interessantes informações sobre os Portugueses. Embora, compilada em 1824, as suas informações são baseadas em muitas fontes coevas, hoje desaparecidas. Assim, lê-se nesta crónica que o rei Ibrahim Adil Shah II fez vir à sua presença o médico português de nome Fernão Lopes, que o curara na sua última doença, e mandou-lhe cortar o nariz e lábios, por não poder deixá-lo livre da mesma enfermidade. O Vice-Rei Conde de Linhares escrevia a propósito a S. M. em carta de 29 de Novembro de 1632: «Na corte de todos os reis da Índia tenho espias. Por meio do Licenciado Fernão Lopes da Orta negoceo estas materias e ja elas per serviço de V. Mag.e lhe curtaram o nariz e uma orelha que em Visapor lhe cortaram». (Vide *Assentos do Conselho do Estado*, vol. I, pág. 335).

Este infeliz físico português que prestou importantes serviços à nação, fornecendo informação daquela corte ao Vice-Rei Conde de Linhares, é também mencionado numa outra crónica persa denominada *Hafta Kursi*.

Os Portugueses mantiveram relações políticas também com o sultão de Ahamadnagar. Numerosos Portugueses distinguiram-se no exército deste Sultão. No dizer de Fernão Guerreiro, a rainha Chand Bibi resistiu valorosamente ao imperador Akbar «com braço e ajuda dos Portugueses» (*Relação anual*, ed. de 1930, pág. 6). O príncipe de Nizam Shah aprendeu a língua portuguesa com o Doutor Garcia da Orta (*Colóq.* 36).

Para a história do reino de Nizam Shah, temos uma crónica em Persa, denominada *Burhan-i-Maasir*, escrita em 1591. O seu autor, Syed Ali Tabatabá, foi contemporâneo de Ferishta. Foi esta obra publicada recentemente em Hyderabad. T. W. Haig deu à luz a tradução inglesa dessa obra, sob o título de *The History of the Nizam Shahi Kings of Ahmadnagar* (*The Indian Antiquary*, Vols. 49-52).

Sobre a história dos Portugueses em Guzerate são dignos de especial registo: o *Akbarnamá*, por Abdul Fazl, assassinado em 1602; *Mirat-i-Sikandari*, por Sikandar bin Manjhu, escrita em 1613; *Mirat-i-Ahmadi*, por A. Qasim (1606-1611).

CRÓNICAS ÁRABES

O árabe, que é a língua religiosa dos muçulmanos da Índia, possui igualmente algumas crónicas importantes sobre a história dos Portugueses na Índia. Uma delas é *Tohfut-ul-Mujahideen*, traduzida para o português pelo abalizado orientalista Doutor David Lopes, de saudosa memória, sob o título de «*História dos Portugueses no Malabar*».

O seu autor Sheik Zeinuddin descreve as guerras dos Portugueses com os maometanos entre 1498 e 1583.

Zeinuddin viveu na corte de Ali Adil Shah.

O segundo cerco de Diu encontra-se descrito pormenorizadamente numa outra obra árabe, da autoria de Abdul-lah el-Makki, apelidado Dabir. Este cronista viveu em Ahmadabad desde 1555, ano em que veio de Meca, e esteve ao facto de muitos acontecimentos que tiveram lugar em Gujarata no seu tempo (1556-1576). Dabir fornece também interessantes informações sobre a morte de Bahadur.

Denisson Ross publicou em três volumes o texto árabe desta crónica acompanhada de valiosas notas, sob o título de «Arabic History of Gujarat» (*Zafar-ul-Walibi Muzaffar wa Alih*).

Abdulá narra a história do Gujarate até o ano de 1605.

Em conclusão, como vimos, os Portugueses são mencionados em numerosas obras escritas em Sânscrito, Canarês, Tamil, Malaialam, Hindi, Urdu, Bengali, e Marata. Alguns dos seus autores são dos mais insígnes poetas da Índia dos séculos XVI a XVIII.

Também as crónicas Persas e Árabes compiladas na Índia, nessa época, fornecem informações sobre os Portugueses, sendo estes designados nas literaturas indianas com os nomes de *Firanguis*, *Paranguis*, *Parassikas*, e ainda *Topicares* (homens de chapéus).

NOTA — Este artigo constitui uma conferência realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 29 de Julho de 1954.

SUMMARY

THE PORTUGUESE IN THE INDIAN LITERATURE OF THE 16th 17th AND 18th CENTURIES

The author deals in the first place with the Portuguese in India and the marked influence the Portuguese language had in the vernacular languages quoting Msgr. Dalgado and his work on the main Indian languages.

Emphasizing in this connection the work of the missionaries mentions the publication of various religious books written by Portuguese to teach the Gospel to the Indians as the first printed in India.

It was also their work that led to the study of the various languages spoken in India.

The first printing press ever to work in India was set up in Goa in 1556.

The Portuguese were also the first European to attempt the translation into an European language i.e. the Portuguese, of the main religious work of the Hindus such as the Bhagavad Guita. This was carried out in the third part of the 16th Century.

The author also mentions Portuguese contributions to the Indian way of life in the field of agriculture, balistics, house building, medecine, etc.

To draw our attention to the importance of this contribution the author quotes the main Indian poets and writers who mention Portugal or the Portuguese in their works.

Beginning with the Indian writers who wrote in the Sanscritic language the author mentions the fact that not less than six remarkable poems deal wtih the Portuguese and their deeds.

In the Canarese language there can be found also a few poems in which the Portuguese are refered to. The same can be said of a number of poems and historical tales in Malaialam in which the wars the Portuguese waged are also mentioned.

In the Tamil language there is also a poem in which the wars between the Maravas and the Portuguese are dealt with. In the Bengali language there are quite a number of poems in which the Portuguese are mentioned. According to Dr. Satis Mina there are a number of legends and folk songs in which one can find references to the Portuguese.

The Hindi poet Bhushama also mentions Portugal in one of his poems.

The literature of the Urdu language also has a poet, Nusrat, who wrote about the Portuguese.

Several concani and marathi poems are also mentioned by P. Pissurlencar in which Portugal and the Portuguese are refered to.

The information these poems give is sometimes authentic, others obviously fanciful.

Not so, according to P. Pissurlencar the chroniclers he mentions in his article specially the marathi. Pissurlencar also deals with the work of the chroniclers who wrote in Persian and Arabic languages, and mention the Portuguese or their deeds.